

A primeira página de guerra: a cobertura do jornal *Folha do Norte* sobre a II Guerra Mundial¹

Jessé Santa BRÍGIDA²
Netília Silva dos Anjos SEIXAS³
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Resumo

O presente artigo se propõe analisar a cobertura da imprensa paraense sobre a II Guerra Mundial (1939-1945) a luz dos estudos de Nelson Traquina sobre os valores notícias. Para tanto, foram escolhidas as capas do jornal *Folha do Norte* (1986-1974) um dos mais duradouros jornais do Estado do Pará. A pesquisa partiu das principais datas da II Guerra Mundial: o início da guerra, o ataque a *Pearl Harbor*, a entrada do Brasil nos combates, os lançamentos das bombas atômicas sobre as cidades japonesas. A pesquisa observou como os valores-notícias de proximidade e de relevância criaram uma imprensa cada vez mais factual e ágil na divulgação dos acontecimentos.⁴

Palavras-chave: Jornalismo; II Guerra Mundial; Valor-notícia; Folhado Norte; Belém.

Introdução

A II Guerra Mundial marcou a sociedade do século XX. Seja pelo poderio bélico que as armas nucleares são capazes, seja pelo avanço acelerado da tecnologia (NUMERIANO, 1990). O século, então, desponta como uma era de extremos (HOBSBAWM, 1991) e esses extremos foram acompanhados de perto pelo jornalismo. Em Belém, o jornal *Folha do Norte* é exemplo disso, uma vez que acompanhou e reapropriou as notícias a respeito da guerra, mudando seu formato e sua linha editorial para dialogar com o movimento tão acelerado da época. A pesquisa buscou nos destaques da primeira página do periódico entender como se deu essa mudança e como a II Guerra foi mostrada para o povo paraense.

Dessa forma, o jornal se configura como um local de memória (BARBOSA, 2003), entremeados aos seu discurso e a sua forma de enunciação dos fatos uma disputa de poder (BARBOSA, 2010; VERÓN, 2004). Em outras palavras, o estudo nos jornais antigos busca

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pará e bolsita PIBIC-UFPA, email: jesse.asb@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, email: netilia@uol.com.br

⁴ Este estudo integra o projeto de pesquisa “A trajetória da imprensa no Pará”, desenvolvido na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Edital Universal MCT/CNPq N° 14/2012.

entender como foram desenvolvidos os meios, qual eram suas estratégias e como se comportavam dentro de emaranhado de outros contextos.

Fazer história do jornalismo é interpretar o processo da comunicação, num dado momento e lugar, dando relevo não apenas ao conteúdo e ao produtor das mensagens, mas também a forma como o leitor entendeu nos limites de sua cultura os sinais emitidos pelos impressos (...). Fazer história do jornalismo ou dos sistemas de comunicação (como preferencialmente conceituamos) é perceber antes de qualquer coisa a dimensão fictícia existente em todos os relatos, a visão de que o passado é um construtor do presente e que os fatos não são dados objetivos ou descobertas. Na verdade, cada um deles é elaborado a partir do tipo de pergunta que o pesquisador – que também está imerso em luta por representações – faz acerca dos fenômenos que se colocam diante dele. (BARBOSA, 2008, p.129).

Diante disso, para entender melhor o fenômeno da cobertura jornalística sobre a II Guerra Mundial, foi escolhido o jornal *Folha do Norte* (1986-1974) para compor o *corpus* de estudo, haja vista que o periódico é um dos mais importantes e duradouros na história da imprensa paraense. E ainda, é o único disponível durante os anos da guerra no setor de microfilmagem da Biblioteca Pública Arthur Vianna, em Belém (PA).

Como norte para o início da pesquisa buscou-se os principais fatos ocorridos durante a guerra que faziam relação direta aos combates que estavam ocorrendo durante os 6 anos de lutas, foram eles: a invasão a Polônia pelas tropas alemãs; o que marca o início da guerra em âmbito nacional (HOBSBAWM, 1991); o ataque a *Pearl Harbor*, o que leva o Estados Unidos a declarar guerra a Alemanha; a entrada do Brasil nos combates e, por fim, o lançamento das bombas atômicas sobre as cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki.

A *Folha* era um jornal diário, por isso, fez-se necessário ter como parâmetro de escolha, para compor o *corpus* de análise, as notícias que ganharam destaque nas capas de julho de 1939 a agosto de 1945 do periódico. Uma vez que a capa se configura como uma espécie de “cartão de visita” (TRAVASSOS, 2011, p.109) trazendo as principais notícias que o jornal pretende destacar.

A imprensa no Pará

A imprensa surgiu no Pará pelas mãos de Filipe Patroni⁵, o principal idealizador do jornal. *O Paraense* começou a circular há 192 anos, no dia 22 de maio de 1822. O seu idealizador, estudava em Coimbra e vivenciou a eclosão da Revolução Constitucionalista de Portugal, em 1820 e estendida ao Pará a partir da Revolução de 1º de janeiro de 1821. Entre outros objetivos, o movimento revolucionário tinha como bandeira a liberdade de imprensa.

Filipe Patroni não só assistia a esse momento, mas também participava ativamente, pois seus discursos eram publicados na imprensa de Lisboa, tanto em periódicos oficiais como também em outros jornais. Sob essa influência e com a compra do material tipográfico, embora usado, foi que os pioneiros Filipe Patroni e seus companheiros lançaram em solo paraense a semente da imprensa jornalística, gerando “O Paraense”, que circulou pela primeira vez numa quarta-feira, trazendo em suas primeiras páginas o Decreto sobre a Extensão da Liberdade da Imprensa com as Bases da Constituição. (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985, p.13).

Impulsionado por esses ideais, *O Paraense*, além de representar um instrumento de circulação de ideias, também veiculou críticas da situação social da então Província do Grã-Pará (COELHO, 1992; 2008; FERNANDES, SEIXAS, 2010). O material tipográfico era usado e foi adquirido da Imprensa Nacional de Lisboa. Com a colaboração de Daniel Garção de Mello, Luiz José Lazier e João Antônio Alvarez, a edição inaugural foi publicada numa quarta-feira, 22 de maio de 1822, na capital da Província do Grão-Pará, repercutindo na sociedade, mas, principalmente, entre as autoridades, como registra Coelho (2008):

O aparecimento de *O Paraense* em maio de 1822 foi, de fato, um acontecimento marcante para a vida pública da Belém de então. A correspondência que os governos civil e militar do Pará dirigiram a Lisboa não deixa dúvidas quanto ao impacto que o começo da imprensa produziu na Província. De uma maneira geral, esses documentos vão relacionar a ação da imprensa à idéia de anarquia (...). (COELHO, 2008, p. 35).

O Paraense ficou sob a orientação de Filipe Patroni por pouco tempo, pois, o bacharel foi preso e deportado para Lisboa. A partir da quarta edição do jornal, o comando foi assumido pelo cônego Batista Campos (SEIXAS, 2012), e, meses mais tarde, pelo cônego Silvestre Antunes Pereira da Serra, que substituiu Batista Campos. O pioneiro jornal do Norte do país deixou de circular na sua 70ª edição, pois, “a tipografia foi invadida e empastelada pelos militares em fevereiro de 1823, episódio que pôs fim à história do jornal fundado por Felipe Patroni” (VELOSO, 2009, p. 5). Coelho (2008) registra que a tipografia

⁵ Os autores divergem na grafia do nome de Filipe Patroni. Adotamos, nos nossos estudos, a grafia usada pelo historiador Geraldo Mártires Coelho, da Faculdade de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Pará.

de *O Paraense*, após a extinção do jornal, seria utilizada para publicar *O Luso Paraense* (1823), com uma linha editorial que servia ao discurso colonial e colonizador do governo da província (FERNANDES, SEIXAS, 2010).

Após esse fato, a imprensa paraense continuou, ganhando outros jornais e revistas com temáticas diversas. Na segunda metade do século XIX, a imprensa paraense se torna diária. Por fim, no século XX ela se solidifica e ganha expressões mais parecidas com as atuais.

O jornal selecionado para esta pesquisa foi a *Folha do Norte*. Fundada em 1º de janeiro de 1896 por Enéas Martins e Cipriano Santos e possuindo as dimensões 69 x 52 cm, a *Folha* era um jornal diário e apresentava-se como “independente, noticioso e literário”. O periódico combatia a política de Antônio Lemos⁶, proprietário de *A Província do Pará*, e defendia o Partido Republicano Federal, o qual era chefiado, na época, por Lauro Sodré⁷. Em 1914, Enéas Martins vendeu a *Folha* para Cipriano Santos (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985).

A partir de 1917, Paulo Maranhão assumiu o periódico, até 1966, ano de sua morte. O periódico, então, passou para as mãos do filho, Clóvis Maranhão. Em 27 de junho de 1973, o jornal foi adquirido por Romulo Maiorana, circulou por mais um ano, até que foi fechado (BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ, 1985). Atualmente, o periódico se encontra microfilmado na Biblioteca Pública do Pará, apresentando falhas, mutilações, páginas manchadas e falta de edições, mas se constitui em uma das coleções mais completas da imprensa paraense.

A Segunda Guerra Mundial

A II Guerra Mundial começou em 1939 e se prolongou até o ano de 1945, envolvendo as principais potências do início do século XX. De um lado estava a União Soviética, Estados Unidos e Império Britânico, que formavam o grupo dos Aliados. Seus opositores, o grupo do Eixo, eram os seguintes países: Alemanha, Itália e Japão. Esses eram os principais atores do conflito, porém, a guerra envolveu a maioria dos países do mundo.

⁶ Antônio Lemos foi um dos fundadores do jornal *A Província do Pará*, principal opositor do jornal *A Folha do Norte*, e também, no ano de 1897, foi eleito intendente da cidade Belém (PIMENTA, Adriene Suellen Ferreira. Educação de meninas no Orphelinato Paraense. Belém: UEPA, 2013).

⁷ Lauro Sodré foi o primeiro governador do estado do Pará, eleito pelo Congresso Constituinte Paraense (COIMBRA, Adriano Modesto. A cidade concedida: urbanização e disputas políticas em Belém do Pará na virada do século XX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27, 2013, Natal, RN. *Anais eletrônicos...* <http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371341559_ARQUIVO_Acidadeconcedida-ANPUH2Final.pdf>. Acessado em: 20 de jul. 2014 .

É quase desnecessário demonstrar que a Segunda Guerra Mundial foi global. Praticamente todos os Estados independentes do mundo se envolveram, quisessem ou não, embora as repúblicas da América Latina só participassem de forma mais nominal. As colônias das potências imperiais não tiveram escolha. Com exceção da futura República da Irlanda e de Suécia, Suíça, Portugal, Turquia e Espanha, na Europa, e talvez do Afeganistão, fora da Europa, quase todo o globo foi beligerante ou ocupado, ou as duas coisas juntas (HOBSBAWM, 1991, p. 30).

Hobsbawm (1991) ajuda-nos a entender como o processo se deu no decorrer do século XX e como o conflito armado mostrou o poder bélico das grandes potências, marcando a história e a memória da sociedade atual.

O pesquisador aponta a entrada da Alemanha na Polônia, em 1939, como o início histórico da Guerra e que será apontado mais à frente na análise que este artigo se propôs.

A guerra, portanto começou em 1939 como um conflito puramente europeu e, de fato, depois que a Alemanha entrou na Polônia, que foi derrotada e dividida em três semanas com a agora neutra URSS, como uma guerra puramente européia ocidental de Alemanha contra Grã-Bretanha e França (HOBSBAWM, p. 45, 1991).

A Alemanha avançou sobre a Polônia e foi de encontro com as demais potências, que declararam guerra total. O que então era apenas um conflito europeu, tomou proporções continentais. Segundo Hobsbawm (1991), a II Guerra Mundial ainda tem lacunas em sua história.

A Segunda Guerra Mundial ampliou a guerra maciça em guerra total. Suas perdas são literalmente incalculáveis, e mesmo estimativas aproximadas se mostram impossíveis, pois a guerra (ao contrário da Primeira Guerra Mundial) matou tão prontamente civis quanto pessoas de uniforme, e grande parte da pior matança se deu em regiões, ou momentos, em que não havia ninguém a postos para contar, ou se importar (HOBSBAWM, p. 49, 1991).

É inegável os impactos provocados pela II Guerra Mundial. Mas como esses fatos foram colocados na imprensa paraense no período da guerra? É A partir dessa indagação sobre as cobertura desse importante evento histórico que este estudo se propõe analisar a primeira página do jornal *Folha do Norte*, onde a guerra era o principal destaque do dia.

A imprensa paraense na cobertura da guerra: a primeira página

O século XX viu nascer consigo duas guerras de proporções mundiais. A história da II Guerra compõe uma memória coletiva (HALBWACHS, 2006) na sociedade e, a partir da cobertura da mídia da época sobre o assunto, possibilita analisar como esse fato foi tratado e reapropriado por um dos principais meios de comunicação, a imprensa. Em Belém, a cobertura feita pelo jornal *Folha do Norte* é indicador das mudanças da estrutura das notícias que ocorreram na primeira metade do século.

Dando continuidade a pesquisas anteriores sobre a cobertura de guerras no âmbito do projeto (SEIXAS, 2012; BRÍGIDA; SEIXAS; SILVA; SIQUEIRA, 2014), este trabalho selecionou as capas do jornal *Folha do Norte* que tratavam sobre o assunto, a partir dos seguintes critérios: o início da guerra em setembro de 1939; ataques que mudaram o rumo dos combates, como o do Japão à base norte-americana de *Pearl Harbor*; entrada do Brasil na guerra; e ataques bélicos, como as bombas de Hiroshima e Nagasaki.

Na I Guerra Mundial, o jornal *Folha do Norte* não deu destaque na primeira página às notícias referentes à guerra. Essas notícias só foram à primeira página quando Portugal entrou na guerra e quando o Brasil foi aos campos de batalhas. O periódico quase não utilizava imagens e mantinha uma diagramação ainda do século XIX, com leitura verticalizada, sem grandes títulos ou subtítulos (SEIXAS, 2011). Com pouco espaçamento entre as colunas, manteve um tom fechado e sem áreas em branco (BRÍGIDA; SEIXAS; SILVA; SIQUEIRA, 2014).

Já na II Guerra Mundial, as notícias começaram a ganhar mais espaço na imprensa, pois o século XX vê como notícia fatos de natureza insólitos, a morte era, e continua sendo, notícia (TRAQUINA, 2005). A cobertura da II Guerra Mundial começa em setembro de 1939, com a invasão nazista na Polônia. Porém, os valores de seleção eram mais comuns, pois os combates que vinham acontecendo na Europa já estavam na primeira página desde julho daquele ano, o que mostra que o valor-notícia de relevância (TRAQUINA, 2005) era algo que merecia destaque, uma vez que a sociedade da época ainda estava amedrontada com a possibilidade de uma nova guerra (HOBSBAWM, p. 45, 1991). Dessa forma, as notícias sobre a guerra publicadas no jornal *Folha do Norte* podem ser entendidas, como Adriano Duarte Rodrigues (1990) denomina, um meta-acontecimento, haja vista que a imprensa buscou acompanhar de perto os contextos, trazendo em voga assuntos referente a I Guerra e a contextos políticos dos países envolvidos.

Figura 1: *Folha do Norte*, 08/09/1939. n. 16728 p. 1, ano 43.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

No dia da invasão da Alemanha a Polônia (Figura 1), pode-se perceber a mudança que o jornal teve em sua configuração gráfica, deixando o formato verticalizado de leitura, colocando títulos chamativos e com bastante destaque. Também, percebe-se a utilização de subtítulos. Essa mudança editorial, indica que a primeira capa se tornou, o que Traquina (2005) aponta como criação de, espaços regulares.

A imagem também é um elemento que se destaca nessa página, considerando que, na I Guerra, houvera poucas imagens ou ilustrações no jornal selecionado. Na II Guerra Mundial o recurso de seleção por visualidade (TRAQUINA, 2005) se tornou mais frequente, as capas eram compostas por

matérias que tivessem imagens que reforçassem a notícia escrita, uma vez que a maioria das capas se utilizavam de imagens vindas do exterior ou da capital do Brasil. Porém, em alguns momentos o jornal retomou os padrões do século XIX.

Outra capa selecionada na pesquisa mostra que estavam tensas as relações entre Japão e Estados Unidos (Figura 2). É preciso notar que o dia da publicação é também o dia em que acontece o ataque a *Pearl Harbor*, o que leva os norte-americanos a entrarem diretamente no combate. Nesse caso, pode-se perceber o valor-notícia de personalização (TRAQUINA, 2005), pois a entrada dos Estados Unidos na guerra era demonstrada pelo jornal, como positivo para a vitória dos Aliados, consequentemente, uma intervenção de decisão para o fim da guerra.

A partir da entrada dos Estados Unidos nos combates, podemos perceber como o jornal começou sua campanha em apoio aos norte-americanos e os consideravam os "salvadores" dos demais continentes. Esse tratamento se estenderá por todas as edições que destacavam alguma vitória do E.U.A na frente de guerra, como foi o caso de quando as tropas alemãs se renderam, o que foi informado pelo jornal do dia 5 de maio de 1945 (Figura 3).

Figura 2: Folha do Norte, 07/12/1941, n. 15063, p. 1, ano. 45



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Figura 3: *Folha do Norte*, 05/05/1945. n. 19121, p. 1, ano 49



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Todavia as notícias em relação à guerra não ficaram restritas somente ao exterior. Notícias nacionais e locais também ganharam espaço no jornal *Folha do Norte*. Os fatos foram ganhando cada vez mais repercussão e o jornal sempre trazia notícias de valor proximidade (TRAQUINA, 2005), como das movimentações que ocorriam na capital do país e na cidade de Belém. Aproximando o fato do contexto social e cultural dos paraenses.

No jornal do dia 10 de agosto de 1943 encontramos um texto que tem o título "UNA E COESA; PROTESTA NOSSA PATRIA". A notícia do dia faz referência a um protesto que ocorreu no Rio de Janeiro, em frente ao Palácio do Catete, onde a população pedia a entrada do Brasil na guerra, depois do afundamento de navios brasileiros pela Alemanha. O jornal mostra que, em Belém, a população também foi às ruas, concentrando-se na praça do

Relógio, no centro da cidade, pedindo a reação do governo brasileiro aos ataques nazistas (Figura 5).

O que parece, em suma, é que o jornal buscava articular as informações com o exterior, nacional e regional. Exemplo de notícia local, foi na edição do dia 12 de outubro de 1941, quando o jornal *Folha do Norte* abriu mais da metade da primeira página com uma ilustração⁸ sobre a procissão do Círio de Nazaré⁸, seguindo-se, abaixo, informações sobre os combates que estavam em curso na Europa. O destaque dado à festa religiosa contrapõe o texto sobre os "Titânicos Combates" entre a União Soviética e a Alemanha.

Figura 5: *Folha do Norte*, 19/08/1942, n. 15503, p. 1, ano 46



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Figura 6: *Folha do Norte*, 12/10/1941, n. 14361, p. 1, ano 45.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Por fim, no dia 07 de maio de 1945 a Alemanha foi vencida, o que os jornais da época chamaram de o "Dia da Vitória". A *Folha do Norte* noticiou que, em muitos países, o dia foi comemorado com fogos, outros declararam dia de feriado nacional. No Brasil, houve

⁸ Procissão em honra a Nossa Senhora de Nazaré que ocorre em Belém, no Pará, sempre no segundo domingo de outubro. A devoção pela santa começou no ano 1700 e é considerada uma expressão da identidade paraense. (CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. O Círio de Nazaré e seu valor simbólico na formação e manutenção da identidade regional paraense. Juiz de Fora: UFJF, 2013. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/sacrilogens/files/2013/03/9-2-2.pdf>> Acessado em: 21 de jul. 2014).

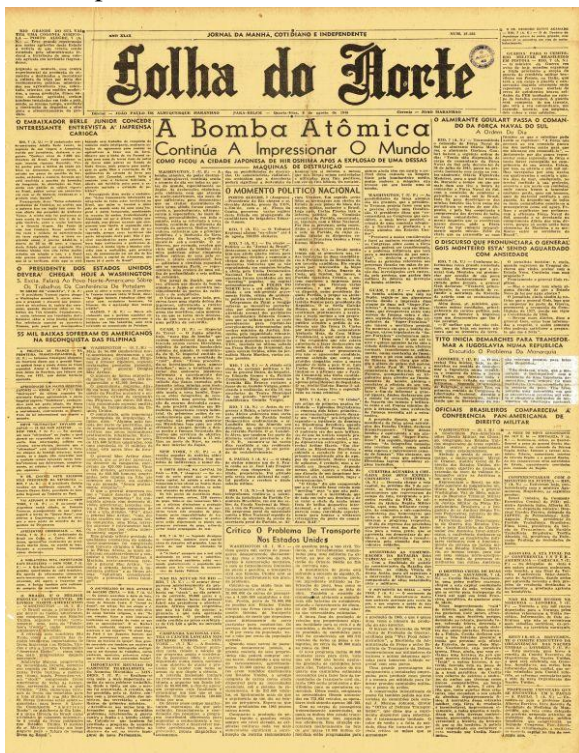
grandes festejos, os comércios foram fechados, pessoas em caminhada pelas ruas do Rio de Janeiro desfilaram com os caixões simbólicos de Hitler e Mussolini.

Entretanto, saída a Alemanha, o Japão não se rendeu. A guerra continuou sendo destaque na primeira capa do jornal *Folha do Norte*, agora dentro do valor conflito (TRAQUINA, 2005). Esse valor pôde ser evidenciado nos envios de mandatórias do Estados Unidos ao Império Japonês para a desistência. Porém, os japoneses não se renderam, e a forças norte americanos lançaram as bombas atômicas sobre a cidade de Hiroshima e Nagasaki. A noticiabilidade desse evento se deu pelo valor morte (TRAQUINA, 2005).

A primeira bomba atômica, lançada sobre a cidade de Hiroshima no dia seis de agosto de 1945, foi noticiada na *Folha* no dia 08 de agosto de 1945 (Figura 7). Sem muitas informações ou ilustração, a notícia parece ainda pouco apurada, dando destaque à nova arma americana e como ela surpreendeu as nações com o seu poder de destruição em massa. O jornal em nenhum momento critica a atitude dos Estados Unidos e diz que ainda havia informações que precisavam se entendidas.

A segunda bomba, lançada sobre a cidade de Nagasaki no dia nove de agosto de 1945, foi noticiada no dia 10 de agosto de 1945. Com o título "Nagasaki desapareceu" (Figura 8), a notícia traz mais informações sobre as bombas atômicas, explicando melhor o poderio da nova arma norte-americana. Ainda nessas informações, nenhum momento o jornal critica a ação dos Estados Unidos sobre a destruição das cidades japonesas.

Figura 7: *Folha do Norte*, 08/08/1945, n. 19293, p. 1, ano 49.



Fonte: Biblioteca Pública Arthur Vianna.

Figura 8: *Folha do Norte*, 10/08/1945, n. 19297, p. 1, ano 49.



Fonte: Biblioteca Pública do Pará.

Após as duas bombas, o Japão se rendeu, dando fim a II Guerra Mundial. O jornal segue noticiando as condições de paz. As notícias também se concentram em informar sobre a destruição e crise econômica, no caso o valor predominante foi o do tempo (TRAQUINA, 2005), uma forma de atualidade, mostrando como estavam sendo os processos de reconstrução dos países europeus pós-guerra, já que ela foi o palco dos combates.

A *Folha do Norte* ainda reserva, por mais algum tempo, a primeira página para destacar o pós-guerra, em especial, notícias sobre as duas novas potências que se levantaram, Estados Unidos e a União Soviética, o que mais a frente se estabeleceu como a Guerra Fria entres os dois principais polos econômicos.

Considerações finais

Guerra é notícia. No nascer do século XX, o jornal *Folha do Norte* ainda não dava tanto destaque para assuntos de guerras, seja pela dificuldade da comunicação do período, seja pela linha editorial. No entanto, o periódico acompanha de perto boa parte dos principais eventos históricos da II Guerra Mundial.

A fotografia também se mostrou mais presente na II Guerra Mundial, juntamente com os formatos diferentes de fontes, utilização de imagens, leitura diferenciada e notícia cada vez mais factual, dando destaque as atualidades e as movimentações em campo de batalha.

A maioria da cobertura sobre a II Guerra Mundial selecionada na *Folha do Norte* era advinda do exterior, por meio de notas, possivelmente por tonar a produtividade da rotina de baixo custo (TRAQUINA, 2005). Porém, o jornal paraense tentava imprimir em suas páginas informações nacionais e locais aproximando a notícia do leitor.

Em suma, podemos destacar que a cobertura feita pelo jornal *Folha do Norte* sobre a II Guerra Mundial, centrou-se no valor notícia notoriedade. Voltando-se sempre mais para o acontecimento em si do que para a problemática, pois o tempo é o rival do fazer jornalístico (TRAQUINA, 2005), assim, o jornalismo se configura como uma atividade prática, dando ênfase ao acontecimento. Haja vista que esse é concreto e de fácil observação.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1800-1900.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

_____. **Jornalismo no Brasil: dois séculos de história.** Universidade Federal Fluminense e CNPq. In: SOUSA, Jorge Pedro. *Jornalismo: história, teoria e metodologia de pesquisa: perspectivas luso-brasileiras.* Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008.

_____. Pedro Luis Navarro. O Papel da imagem e da memória na escrita jornalística da história do tempo presente. In: **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo.** São Carlos: Clara luz, 2003.

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARÁ. **Jornais Paraoaras:** catálogo. Belém: Secretaria de Estado de Cultura, Desportos e Turismo, 1985.

BRÍGIDA, Jessé Andrade Santa. SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. SILVA, Lorena Saraiva da. SIQUEIRA, Thaís Christina Coelho. *Jornalismo de trincheiras: a imprensa paraense na cobertura da Primeira Guerra Mundial.* In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 13, Belém, Pará. 2014. **Anais Eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/norte2014/resumos/R39-0866-1.pdf>>. Acesso em: 15 de jul. 2014.

COELHO, Geraldo Mártires. **O espelho da natureza: poder, escrita e imaginação na revelação do Brasil.** Belém: Paka-Tatu, 2009.

_____. O surgimento da imprensa no Pará. In: **Revista Pará Zero Zero: imprensa, idéias e poder.** Publicação bissetimanal da Editora Resistência, Ano II, nº 5, Ago./Set. 2008, p. 22 – 39.

FERNANDES, Phillippe Sendas de Paula; SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. *Imprensa e Política na Belém do início do século XIX.* In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORTE, 9., 2010, Rio Branco, AC. **Anais eletrônicos...** Rio Branco, AC: INTERCOM, 2010. Disponível em<www.intercom.org.br>. Acesso em: 15 de jul. 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, ERIC. **A era dos extremos: o breve século XX.** São Paulo. 2 ed. Editora Schwarcz Ltda. 1991. Disponível em: <<http://cesarmangolin.files.wordpress.com/2010/02/hobsawm-a-era-dos-extremos.pdf>>. Acesso em: 15 de jul. 2014.

NUMERIANO, Roberto. **O que é guerra.** São Paulo: Brasiliense, 1990.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade.** Lisboa: Presença, 1990.

SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. **A trajetória da imprensa no Pará.** Projeto de pesquisa CNPq, Edital MCT/CNPq N° 14/2012 - Universal - Faixa A. Belém: UFPA, 2012.

_____. O uso da imagem na mídia impressa de Belém: percurso e configuração. In: PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris; NASCIMENTO, Layse; FERNANDES, Márcio (Orgs.).

Fatos do passado na mídia do presente: rastros históricos e restos memoráveis. São Paulo: Intercom e-livros; UNICENTRO, abril de 2011, p. 279-306.

_____. **Jornais Paraoaras:** percurso da mídia impressa em Belém no século XIX. Projeto de pesquisa CNPq Edital MCT/CNPq/ MEC/CAPES N.º 02/2010 (concluído). Belém: UFPA, 2010.

_____. **Jornais Paraoaras:** percurso da mídia impressa em Belém, projeto de pesquisa. (concluído). Belém: UFPA, 2009.

TRAQUINA, Nelson. Ser ou não ser notícia?. In: **Teorias do Jornalismo - A tribo jornalística:** uma comunidade interpretativa. Florianópolis. Insular, 2005, p. 61 - 101.

TRAVASSOS, Tarcísio. **A transformação histórica do gênero jornal.** Recife: O Autor, 2010. Disponível em: <
http://www.pgletras.com.br/2010/teses/Tese_Tarcisia_Travassos.pdf>. Acesso em: 21 de jul. 2014

VELOSO, Maria do Socorro Furtado. **A ferro e fogo:** conflitos no primeiro século da imprensa paraense. Trabalho apresentado no XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 7 de setembro de 2009, em Curitiba, Paraná. Apresentado no DT-1 (Jornalismo), GP História do Jornalismo. Acesso no site da Intercom (www.intercom.org.br), 2009a.

VERÓN, Eliseo. Quando dizer é fazer: a enunciação no discurso da imprensa escrita. In: **Fragmentos de um tecido.** São Leopoldo: UNISINOS, 2004, p. 315-338.